

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O DESLOCAMENTO DO ACENTO EM TERENA (ARAWAK)

Rogério Vicente Ferreira¹

RESUMO

Este artigo propõe-se a fazer uma reanálise sobre o comportamento do acento na língua Terena apresentado por Butler e Ekdhal, em *Aprenda Terena I*, de 1979. A revisão bibliográfica mostra que existe a necessidade de pesquisas centralizadas na questão acentual na língua Terena. Não descartamos a hipótese levantada por Aikhenvald (2001), de que esta língua pode ser vista como uma língua tonal, contudo para este trabalho não centralizamos as análises nesta questão. A análise apresentada não é conclusiva, mas faz uma reflexão a partir dos materiais publicados sobre o funcionamento do acento, levando em consideração o deslocamento do acento gráfico apresentado pelas pesquisadoras, com algumas conferências com os falantes. Será possível verificar que a morfologia influencia diretamente neste deslocamento acentual. É importante destacar que a preocupação em relação às línguas indígenas e à ameaça de extinção, faz-se necessárias descrições linguísticas de todos os níveis de análise que sejam suficientes para compreender sua estrutura gramatical.

Palavras-chave: língua Terena, fonologia, acento, morfofonologia.

Introdução

No Brasil existem aproximadamente cerca de 180 línguas indígenas faladas no território brasileiro. Segundo o censo do IBGE de 2010, “os primeiros resultados do Censo Demográfico 2010 revelam que 817 mil pessoas se autodeclararam indígenas e que o crescimento no período 2000/2010 [...]” (2012, p. 08). Ainda segundo o mesmo Censo, com relação a língua falada em casa tem-se o seguinte: “O Censo 2010 revelou também que um total de 37,4% dos indígenas de 5 anos ou mais falavam no domicílio uma língua indígena. Observou-se também um percentual de 17,5% que não falava o

¹ Doutor em Linguística (UNICAMP) com pós-doutorado em Linguística pela USP (2013) e pela UNICAMP (2017). Professor do Programa Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/FAALC. E-mail: rogerio.v.ferreira@ufms.br, rogmatis@alumni.usp.br.

português.” E, por fim, os resultados do IBGE “apontaram para 274 línguas indígenas faladas por indivíduos pertencentes a 305 etnias diferentes.” (IBGE, 2020, p. 06).

Diante da ameaça de extinção sofrida por essas línguas, a documentação, análise, classificação e interpretação teórica é tema de preocupação constante dos linguistas no Brasil. Para Rodrigues (2005) há a evidência da necessidade de “promover ações que visem a assegurar aos povos indígenas as condições necessárias para continuar transmitindo suas línguas às novas gerações”.

Uma dessas ações, e talvez a mais urgente, é a descrição científica das línguas naturais. Para que a descrição de uma língua aconteça, recorre-se, primeiramente, a uma classificação científica das línguas. Rodrigues² aponta que essa classificação é resultante de uma ordem genética, ou seja, são incluídas em uma mesma classe de línguas para as quais há evidências de serem provenientes de uma mesma língua ancestral.

A família linguística Arawak possui o maior número de línguas na América do Sul, abrangendo geograficamente quatro países da América Central e oito da América do Sul. Segundo Aikhenvald (1999), aproximadamente 40 línguas dessa família ainda estão vivas e, no Brasil, os povos que falam a língua de origem Arawak vivem na região amazônica da Bolívia, no Estado do Mato Grosso e na região do rio Xingu. O povo de língua Arawak que mora mais ao sul do continente americano são os Terena, que habitam no Centro-Oeste do Brasil, mais especificamente no estado do Mato Grosso do Sul, além de uma minoria que mora na reserva indígena Araribá, no estado de São Paulo.

Números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Censo de 2010, apontaram que a população indígena de Mato Grosso do Sul cresceu 3,1% em 10 anos, uma vez que 73.295 pessoas se declararam como indígenas. Somente a capital, Campo Grande ocupa o sétimo lugar entre os municípios brasileiros onde habitam populações indígenas, o número é de 5.657 indivíduos. O Estado também abriga duas das cinco maiores etnias indígenas do Brasil: os Guarani e Kaiowá, com 37,4 mil e os Terena com, aproximadamente, 28,8 mil indivíduos.

Os estudos sobre a língua Terena tiveram início na década de 1960 com os pesquisadores do *Summer Institute of Linguistics* (SIL), John Bendor-Samuel e Nancy

² Ibidem, p. 35

E. Butler que realizaram as primeiras descrições fonológicas da língua. Os trabalhos de descrição linguística que seguiram aos dos pesquisadores em questão somam apenas duas dissertações de mestrado também com ênfase na fonologia da língua, como veremos a diante.

Tendo em vista a imensa preocupação em relação às línguas indígenas e a enorme preocupação com a ameaça de extinção, são necessárias descrições linguísticas que sejam suficientes para compreender sua estrutura fonológica, morfológica e sintática. Buscamos neste estudo revisar os trabalhos descritivos já realizados com vistas a um aprofundamento específico no que tange ao suprasegmento (pitch-accent e/ou acento) nessa língua.

Estudos anteriores

Os primeiros estudos sobre a língua Terena foram realizados por pesquisadores ligados ao SIL que tinham como objetivo uma descrição fonológica da língua. Contudo, nota-se que a qualidade e a profundidade necessária foram deixadas de lado. Seki (1999, pg. 237) aponta esse problema na voz de Yonne Leite quando afirma que

(...) a falta de uma visão de conjunto da língua estudada: os trabalhos abordam aleatoriamente aspectos cuja relevância não fica patente de imediato. Assim, tem-se ora uma descrição sobre o verbo em Terêna, ora notas sobre os substantivos em Kayabi, uma fonêmica Xerente e uma descrição de aspectos do Xavânte. Inexiste o material que os estudiosos de línguas em geral e antropólogos tanto almejam: uma gramática com terminologia descritiva acessível e dicionários (LEITE, 1981, p.61).

Quando a questão é descrição linguística, Seki (1999, p. 288), ressalta que a linguística indígena no Brasil deve priorizar a “elaboração de descrições de boa qualidade, com terminologia acessível a estudiosos não familiarizados com abordagens teóricas particulares”.

No que trata da questão fonológica e suprasegmental acentual, Bendor-Samuel (1962), sendo um dos pioneiros a tratar sobre este assunto na língua terena coloca que “de todos os sistemas acentuais das línguas indígenas da América do Sul poucas superam a língua Terena pela sua complexidade”. Essa afirmação acaba sendo reiterada em vários trabalhos sobre esta língua, o que demonstra a necessidade de um estudo aprofundado sobre o sistema acentual em terena.

Butler e Ekdahl (1979), em seus livros “Aprenda Terena Vol. 1 e 2”, explicam que o acento circunflexo (^) e agudo (´) apresentam para língua Terena valores diferentes do que na língua portuguesa. O primeiro, segundo as autoras, indica que a “sílabas é mais reforçada e que a vogal da sílabas é prolongada e pronunciada em tom decrescente: pîho (piîho) ‘ele foi’, tâki (taâki) ‘o braço dele.’”³. O segundo acento (´), por sua vez, indica que a sílabas é mais reforçada, mas diferentemente do que ocorre com a sílabas acentuada por (^) que afeta a vogal, o que se percebe é o prolongamento do “som após a vogal acentuada que é prolongado (...) yunzíkopone (ỹũnzíkkopone) ‘estou melhor agora’”⁴. É preciso observar que o acento é distintivo na língua, por exemplo, **íti** ‘sangue’ e **íti** ‘você’ diferem de significado apenas pelo acento empregado, da mesma forma acontece com outras palavras, como **pîho** ‘quando foi’ e **pîho** ‘foi’. Butler & Ekdahl afirmam que o padrão acentual está ligado a funções gramaticais.

Martins (2009), em sua dissertação “Fonologia da língua Terena”, apresenta uma análise do acento em terena segundo a teoria fonológica de Hayes (1995). Ele aponta que a língua apresenta um sistema de pés binários com cabeça à esquerda e insensível ao peso silábico (troqueu silábico). O autor ressalta que os resultados de análise apresentados por ele estão sujeitos a uma revisão em etapas posteriores de pesquisa e espera que outros trabalhos futuros possam contribuir para uma melhor compreensão da fonologia da língua Terena, “tais como um estudo mais aprofundado sobre o acento e suas interações com a morfologia e a sintaxe, processos fonológicos (a harmonia nasal, a harmonia vocálica, a reduplicação) bem como a entonação”.⁵

Martins (2009) conclui que o acento da língua é não previsível, como Butler e Ekdahl (1972, p. 12) afirmam em seu trabalho. Assim para o pesquisador,

Hipotetizamos que o acento da língua é livre, ou seja, já previamente definido no léxico. Por outro lado, o sistema acentual da língua sinaliza estar também governado por fatores morfológicos. Por exemplo, os diferentes padrões acentuais (2/3 – 1/3 – 1/2) parecem interagir com as diferentes classes de raízes (verbal ou nominal). Além do mais o acento demonstra ser cíclico. Ele se manifesta na raiz (1a posição) e depois se desloca em direção à borda direita da palavra (2a posição) quando são acrescentados sufixos tais como –ti e –na (MARTINS, 2009, p. 62).

³ ibdem, p. 12

⁴ ibdem, p. 12

⁵ ibdem, p. 62

Silva (2009), em sua dissertação “Descrição Fonológica da Língua Terena”, aponta que, para Bendor-Samuel (1963b), em palavras Terena, salvo as partículas, o acento cai em uma das sílabas específicas da palavra. Essa seleção entre as duas sílabas acentuais não é previsível com nenhuma base fonológica e não está condicionada a nenhuma compreensão fonológica. Essa seleção é unicamente determinada por fatores gramaticais; algumas vezes sintáticos, algumas morfológicos.

Aikhenvald (1999, 2001) hipotetiza que a língua Terena seja uma língua tonal, ao comparar com algumas línguas Arawak do Norte. Contudo, ela afirma que a natureza e origem do tom nesta língua requerem mais investigações.

Discussão dos dados

Ao revisar os estudos de descrição fonológica de Bendor-Samuel (1960, 1961, 1962), Wilkinson (1976), Butler e Ekdahl (1979), Silva (2009) e Martins (2009) já realizados sobre a língua Terena percebemos que existem divergências na concepção do padrão acentual desta língua. Os estudos realizados por pesquisadores do SIL, como aponta Silva (2009), apresentam algumas inconsistências e vagueza no tratamento dos dados, como já destacamos anteriormente.

Butler e Ekdahl (1979) defendem que o padrão acentual da língua Terena está relacionado a funções gramaticais e não é previsível. Por sua vez, Silva (2009), com base na descrição de dados de corpus e por meio de testes de par mínimo, explica que a oposição entre vogais longas e breves indicam fonemas diferentes e não diferenças de tom. O acento, segundo a autora, seria orientado por fatores gramaticais, sintáticos e morfológicos. Martins (2009) defende que o acento da língua é previamente definido no léxico da língua, ou seja, é livre. Entretanto, aponta que um estudo mais aprofundado utilizando-se de modelos fonológicos de interação entre fonologia/morfologia tal como a Fonologia Lexical poderia mostrar-se mais profícuo nesta área. Todos os autores revistos, exceto Aikhenvald (1999, 2001), descartam a hipótese de a língua Terena ser tonal.

Desta forma, observamos que os autores parecem não concordar entre si, impossibilitando que se chegue a uma conclusão sólida sobre essa questão tão relevante na língua. Concordamos com o que aponta Martins (2009) quanto a necessidade de um

estudo mais aprofundado sobre o acento e que envolva interações com a morfologia e a sintaxe, processos fonológicos e a entonação.

Análises atualizadas

Antes de descrevermos o que foi visto sobre a forma acentual na língua Terena, gostaríamos de trazer a análise de Martins (2009), visto que dos trabalhos realizados sobre a fonologia da língua Terena, este é o que melhor apresenta uma leitura sobre a questão acentual. O autor, como todos os outros, parte de Bendor-Samuel (1962), que coloca essa língua como uma das mais complexas na América do Sul. Martins aponta que o “acento em Terena pode manifestar-se em uma das três primeiras sílabas. Limitação essa denominada “Restrição da Janela de Três Sílabas”, segundo a qual o acento alcança maximamente a terceira sílaba a contar da borda esquerda da palavra” (KAGER, 1993, apud MARTINS, 2009, p. 59).

O acento também é tratado como não previsível, como afirma Martins (2009, p. 62), ele hipotetiza que “o acento da língua é livre, ou seja, já previamente definido no léxico.” É exatamente sobre esta hipótese que este artigo quer tratar, demonstrando que há sim uma previsibilidade acentual e que ele está condicionado morfofonologicamente.

Em nossos dados, pudemos observar que existe um padrão acentual e que a “quebra” desse padrão está relacionada à morfologia. Ou seja, que o acento se desloca dependendo da sufixação ou prefixação na palavra. Ainda não pudemos analisar se a sílaba em que há o alongamento da vogal é uma sílaba tonal, para isso precisamos fazer análises acústicas e voltarmos para leituras sobre línguas tonais.⁶

Assim sendo, nossas análises ficaram centradas na variação acentual das palavras em Terena. O que as análises nos mostraram é que existe um padrão acentual na língua indo de encontro às afirmações sobre a língua não ter um padrão. Temos visto que há uma hierarquia de deslocamento acentual: se não houver prefixação, o diacrítico, que se tem marcado com o circunflexo (^), se deslocará para a direita. Contudo,

⁶ Segundo Soares (1997, p.3) “o nível tonal, ideias contidas em Clements (1989), que propõe –para o tratamento da altura vocálica – um nóculo Abertura ao qual estão associados, conforme a língua, “rows” contendo traços não-binários de abertura. Clements (1989) dá indicações quanto à extensão de sua proposta para o nível tonal. No caso do tom, esse pode ser concebido como traço hierárquico que organiza um único parâmetro acústico e articulatório (a altura relativa) em séries hierárquicas de registros e sub-registros.”. No Brasil encontramos outras línguas tonais, como é o caso da língua Tikuna, que se localiza no Alto Solimões (SOARES, 1997), Guató na região pantaneira do Mato Grosso do Sul (POSTIGO, 2009), Yuhup habitantes do Alto Rio Negro (LOPES, 1995), entre outras.

ocorrendo a prefixação, haverá uma preferência de deslocamento à esquerda, mesmo que haja sufixação, não importará quantos sufixos se acrescentem, sempre o privilégio de deslocamento será para a esquerda.

Talvez seja possível verificar que o deslocamento esteja relacionado à mesma ocorrência de direcionalidade que ocorre com a nasalidade de primeira pessoa apresentada por Oliveira (2017). Os autores apresentam, por meio de análise acústica, que a direcionalidade, através da metodologia de Stewart e Kohlberger (2015) percorre o caminho da direita para a esquerda, o que vai de encontro às análises propostas até o momento sobre o espalhamento do traço nasal em Terena. Contudo, para este trabalho, não nos adentramos as questões de fonética acústica sobre o deslocamento acentual, mas propomos, para uma primeira reflexão, fazer uma descrição do funcionamento destes acentos, a partir de dados de terceiros de forma que nos dê pistas para, em breve, buscar via análise acústica e fonológica o real funcionamento do acento nesta língua.

Os pares mínimos que ocorrem na língua Terena devido o suprasegmento é marcado ortograficamente pelo diacrítico (´) corresponde foneticamente a prominência silábica representado foneticamente por [´], e o diacrítico (^) que é a realização foneticamente por [˘]. Os diacríticos foram propostos por Butler e Ekdahl e ocorrem em suas publicações e livros didáticos.

- (1)
- | | | |
|--------|-----|----------|
| [´iti] | íti | ‘sangue’ |
| [i:ti] | îti | ‘você’ |
- (2)
- | | | |
|---------|------|--------------|
| [´piho] | pího | ‘quando foi’ |
| [pī:ho] | pîho | ‘foi’ |
- (3)
- | | | |
|-----------|--------|---------------------|
| [pi´hopo] | pihópo | ‘foi embora’ |
| [pihō:po] | pihōpo | ‘quando foi embora’ |
- (4)
- | | | |
|---------|-------|---------------|
| [´hípo] | hhípo | ‘cigarro’ |
| [hī:po] | hhípo | ‘a unha dele’ |
- (5)
- | | | |
|---------|------|---------|
| [´tohe] | tóhe | ‘sino’ |
| [tō:he] | tôhe | ‘nambu’ |

Nos exemplos a seguir, observa-se que há um deslocamento do acento para a direita quando há a inserção do morfema pronominal não especificado *-ti*. Tal deslocamento afeta o alongamento da vogal em que há um tom mais alto (marcado pelo diacrítico (^), ao deslocar o acento a vogal deixa de ser alongada e o tipo de altura tonal muda, neste caso representado pelo diacrítico (´). Contudo, alguns dos autores supracitados afirmam que há vogais alongadas (v:) ⁷ em contraste com vogais curtas (v), sendo elas contrastivas.

Neste trabalho a reflexão que fizemos é diretamente relacionada ao alongamento da vogal que está diretamente relacionado à proeminência silábica. Por exemplo, a sílaba em que há uma altura maior acentual (H) também apresenta um alongamento da vogal, por exemplo [hⁱē:we] ‘pernas dele’ e [hⁱewē:ti] ‘pernas de alguém’. Neste caso podemos observar que o deslocamento do acento para a sílaba [we] favoreceu o alongamento da vogal desta sílaba e não manteve o alongamento da sílaba anterior, característico de sílabas em que há uma proeminência acentual.⁸ No quadro a seguir, apresentamos uma sequência de palavras que mostram o deslocamento do acento diante do morfema pronominal não-especificado *-ti*⁹.

- (6)
- | | | |
|-------------------------|------------------------|----------------------|
| [h ⁱ ē:we] | ∅ ¹⁰ -hhêve | ‘perna(s) dele’ |
| | 3.P-perna | |
| [h ⁱ ewé:ti] | hhevê-ti | ‘perna(s) de alguém’ |
| | perna-N.ESP | |
- (7)
- | | | |
|------------|---------------|-----------------------|
| [yū:toe] | ∅-sútoe | ‘a escrita dele’ |
| | 3.P-escrita | |
| [yutoē:ti] | sutoê-ti | ‘a escrita de alguém’ |
| | escrita-N.ESP | |

⁷ v indica vogal e [:] alongamento.

⁸ Ainda é preciso verificar se esta proeminência acentual na língua terena é acento, tom, ou *pitch-accent*. Hyman (2009) em seu artigo *How (not) to do phonological typology: the case of pitch-accent*, faz uma discussão sobre a complexidade de se compreender a diferença entre estes sistemas em certas línguas, como é o caso do Terena.

⁹ O morfema *-ti* tem várias funções dentro da língua, pode ocorrer como um pronome não-especificado, ou como modo descritivo, ou ainda como aspecto contínuo.

¹⁰ 3.P - terceira pessoa do singular; N.ESP - pronome não-especificado; CONT - contínuo, DES - descritivo; IRR - modo irrealis; POSS - possessivo (inalienável); 1.P - primeira pessoa do singular; VBZR – verbalizador.

- (8)
- [õ:wǝku] Ø-ôvoku ‘casa dele’
3.P-casa (lar)
- [owǝkũ:ti] ovokũ-ti ‘casa de alguém’
casa (lar)-N.ESP

Nos exemplos abaixo observamos a mudança da marcação do diacrítico (ˆ) para o (˘), ou seja, a sílaba maior comprimento da vogal onde ocorre, além de uma curva de tom descendente (semelhante ao *pitch-accent*), muda para força silábica, mas não afeta a vogal. Tal mudança ocorre quando há a sufixação de morfemas do tipo *-mo* ‘irrealis’, *-na* ‘possessivo (inalienável)’ e *-xo* ‘verbalizador’.

Nos exemplos 10 e 11 verifica-se que o acento muda e se desloca para sílaba posterior, o que ocorre na maioria das palavras sufixadas, contudo há algumas exceções como pode ser visto nos exemplos 12 e 14, ainda não sabemos dizer por que nestas palavras não há a mudança de sílaba. Carvalho (2017, p. 512) diz que o sistema é complexo por ter interações com a morfologia e com “fenômenos de nível de frase e entonacionais, que podem causar mudanças no perfil acentuado "básico" de palavras individuais e exige a identificação de uma série de "melodias”.

(10) Sufixação do morfema *-mo*

- [pihõ:ti] Ø-pihô-ti ‘ele está indo/ ou foi’
3.P-ir-CONT
- [piho'timo] Ø-piho-tí-mo ‘ele irá’
3.P-ir-CONT-IRR

(11) Sufixação do morfema *-na*

- ['kaxe] káxe ‘dia/sol’
[ka'xena] kaxé-na ‘seu dia’
sol/dia-POSS
- [mē:sa] Ø-mêsa ‘mesa dele’
3.P-messa
- [me'nzana] menzá¹¹-na ‘minha mesa’

¹¹ A primeira pessoa do singular em Terena é uma realização morfofonológica, que faz com que as obstruintes e constrictivas de consoante surda passem a consoante sonora com uma pré-nasalização, ficando da seguinte forma: [p] > [ᵐb], [t] > [ᵐd], [k] > [ᵍg]; [s] > [ᵐz], [ʃ] > [ᵐʒ], [hʰ] [ᵐʒ], [h] > [ᵐz].

1.P/mesa-POSS

No caso dos empréstimos podemos observar que não houve deslocamento acentual, não sabemos ainda se é uma sobreposição do acento da língua portuguesa sobre a Terena, ou se é uma exceção, ainda necessita-se verificar se isso ocorre em outros empréstimos na língua.

- (12)
- | | | |
|-------------|-------------|---------------|
| [hapā:tu] | hapâtu | ‘sapato’ |
| [ha'patuna] | hapátu-na. | ‘sapato dele’ |
| | sapatu-POSS | |

Como dito anteriormente o morfema verbalizador *-xo* ao se sufixar ao radical nota-se que há uma mudança no perfil acentual.

(13) sufixação do morfema *-xo*

- | | | |
|------------------------|-----------------|---------------------|
| [ī:mo] | îmo | ‘pouco freio’ |
| [i'moxo] | ∅-imó-xo | ‘ele freia’ |
| | 3.P-freia-VBZR | |
| [^m bō:la] | mbôla | ‘bola’ |
| [^m bolāxo] | ∅-mbolá-xo | ‘ele jogar bola’ |
| | 3.P-bola-VBZR | |
| [pepē:ke] | pepêke | ‘batida’ |
| [pepe'kexo] | ∅-pepeké-xo | ‘ele bate (tambor)’ |
| | 3.P-bate-VBZR | |
| [nī:ka] | nîka | ‘comida’ |
| [ni'kaxo] | ∅-niká-xo | ‘ele alimenta’ |
| | 3.P-comida-VBZR | |

Por fim, quando há prefixação, o acento se desloca em direção ao prefixo, contudo, o mais comum é a mudança do tipo acentual.

(14) Sufixação do morfema causativo *ko-*

- | | | |
|---------|--------|-------------|
| [hō:ʔo] | ∅-hô'o | ‘ele cuspe’ |
|---------|--------|-------------|

	3.P-cuspir	
[ko'ho'o]	Ø-ko-hó'o	'ele faz cuspir'
	3.P-CAUS-cuspir	
[hiē:pi]	hhêpi	'preço'
[ko'hiepi]	ko-hhêpi	'tornou caro'
	CAUS-preço	
[pē:no]	pêno	'constução de casa'
[ko'peno]	Ø-ko-péno	'ele faz casa'
	3.P-CAUS-construir	

Em alguns exemplos, podemos observar que não houve um deslocamento silábico do tom, para estes casos ainda é preciso de mais investigação e aferimento por meio de análises acústicas, de forma que se possa determinar se houve realmente ou não o deslocamento. Nos parece que, em muitos casos, o não deslocamento ocorre em palavras emprestadas, sendo esse mais um fator a ser investigado.

Considerações finais

Conforme apontado neste estudo, os poucos trabalhos de descrição fonológica da língua Terena realizados até a presente data apresentam visões divergentes entre si quando trata do sistema acentual. Na prática, estas divergências conceituais geram consequências negativas no processo de alfabetização e aprendizado da língua por parte dos próprios falantes, segundo Silva (2009), muito da problemática em torno do acento. Em especial, no ensino da língua, tem-se refletido na ortografia (de que também pode ser recorrente), a “confusão” entre os diacríticos (^) e ('). Esses diacríticos, segundo a autora, têm suas funções diferentes nas duas línguas e isso tem confundido tanto professores quanto alunos.

Constatamos que os estudos descritivos em Terena são de extrema importância no processo de manutenção da língua e que há ainda um caminho a ser percorrido para que se chegue a um consenso sobre o acento nesta língua. Com vistas ao risco de extinção das línguas indígenas, estudos mais aprofundados nesta área podem auxiliar na elaboração de materiais pedagógicos, colaborando na alfabetização das crianças indígenas para que a língua possa ter um aumento no número de falantes e, consequentemente, a cultura e tradição deste povo seja mantida e devidamente documentada.

Referências

- AIKHENVALD, A. The Arawak language family. In: R. M. W. DIXON; A. Y. AIKHENVALD, A. (Ed.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, 65-105p.
- AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, Robert M. W., ONISHI, Masayuki (Eds.). *Series: Typological Studies in Language 46*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001
- BENDOR-SAMUEL, J. T. *An outline of the grammatical and phonological structure of Terêna*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1961. v.1e 2. ArquivoLinguístico 90.
- BENDOR-SAMUEL, J. T. Some Problems of Segmentation in the Phonological Analysis of Terena. *Word* 16, no. 3, 1960.
- BENDOR-SAMUEL, J. T. Some Prosodic Features in BAZELL, D. E. et al. Terena. *In Memory of J. R. Firth*. London: Longmans, Green and Co. 1966, p. 30-39.
- BENDOR-SAMUEL, J. T. Stress in *Terena*. *Transactions of the Phonological Society*, 1962, p.105-123
- BISOL, Leda. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2005.
- BISOL, Leda. *O acento e o pé métrico binário*. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, n.22, 69-80 p., 1992.
- CARVALHO, Fernando O. de. Fricative debuccalization and primary split in terena (Arawak) historical phonology. *IJAL*, no. 3, vol. 83, 2017, p. 509-537.
- EKDAHL, E. M.; N. BUTLER. *Terêna Dictionary*. Cuiabá: Summer Institute of Linguistics, 1969. (manuscrito)
- EKDAHL, E. M.; N. BUTLER. *Aprenda Terena*. Vol. 1 e Vol. 2. Brasília-DF: SIL, 1979.
- HYMAN, Larry M. How (not) phonological typology: the case of pitch-accent. *Language Sciences*. Vol. 31, 2009, p. 213-238.
- IBGE. *Brasil indígena: Língua falada*. D.F.: FUNAI, IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/ascom/2013/img/12-Dez/pdf-brasil-ind.pdf>> Acesso em: 26 de agosto de 2020.
- IBGE. *Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça*. 2012 Disponível em <https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf> Acesso em: 26 de agosto de 2020.

LEITE, Y.F. O Summer Institute of Linguistics: Estratégias e Ação no Brasil. In: *Religião e Sociedade*, São Paulo: Cortez, 7: 60-64, 1981.

LOPES, A. B. *Fonologia da língua Yuhup: uma abordagem não-linear*. 1995, 135f. Dissertação (Pós-graduação em Linguística. – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 1995.

MARTINS, C. R. *Fonologia da Língua Terena*. 2009. 85 f. Dissertação (Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Caroline P. *Direcionalidade do espalhamento da nasalidade em Terena (Arawak)*. Qualificação fora de área no Programa de Linguística - UNICAMP/IEL, 2017.

PIGGOTT, Glyne. L. Variability in Feature Dependency: The Case of Nasality. *Natural Language & Linguistic Theory*. Vol. 10. n.º. 1. (Feb., 1992), pp. 33-77. New York: Springer, 1992.

POSTIGO, Adriana V. 2009, 120 f. *Fonologia da língua guató*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009.

RODRIGUES, A. D. 2005. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura*, 57. 35-38 p.

SEKI, L. A Linguística Indígena no Brasil. *DELTA*, Vol.15, special issue. São Paulo, 1999.

SEKI, L. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. *Impulso* Vol. 12, 157-170 p., 2000.

SILVA, D. *Descrição Fonológica da Língua Terena (Aruak)*. 2009. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2009.

SILVA, D. *Estudo Lexicográfico da Língua Terena: proposta de um dicionário bilíngue Terena-Português*. 2013, 293f. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2013.

SOARES, M. F. O Suprasegmental em Tikuna e a Teoria Fonológica: Vol. 1: *Investigação de Aspectos da Sintaxe Tikuna*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

STEWART, Jesse; KOHLBERGER, Martin. *Earbuds: A new method for measuring nasality in the field*. Presented at the Linguistic Society of America Annual Meeting: Portland, USA, 2015.

WILKINSON, Robert W. A Homonymy-Avoiding Transderivational Constraint in Terena. *International Journal of American*. no. 2, vol.42, 1976. p. 158-162.

A BRIEF REFLECTION ON THE DISPLACEMENT OF THE ACCENT IN TERENA (ARAWAK)

ABSTRACT

The intention of this article is to reanalyze accent behavior in the Terena language as presented by Butler and Ekdahl in *Aprender Terena I*, 1979. A review of the literature shows that there is a need for research centered on the issue of stress in the Terena language. We do not discard the hypothesis proposed by Aikhenvald (2001) that this language can be understood as a tonal language; however, for this paper, we do not center our analyses on this issue. The analysis presented is not conclusive, but it provides further reflection based on published material about the functioning of the accent, taking into account the displacement of the accent mark as presented by the researchers, along with consultations with speakers. It will be possible to verify that morphology directly influences this accent displacement. It is important to highlight that the concern for indigenous languages and the threat of extinction makes adequate linguistic descriptions at all levels of analysis necessary to understand their grammatical structure.

Keywords: Terena language, phonology, accent, morphophonology.

Recebido em 29/08/2021.

Aprovado em 06/10/2021.